



A CONSTRUÇÃO DO ETHOS DE ANTONIO VIEIRA NA OBRA O SERMÃO DA PRIMEIRA DOMINGA DE QUARESMA

Vinicius Pimenta Silva¹
Marcelo Silveira (Orientador)²

Resumo: Antônio Vieira foi um dos maiores prosadores de língua portuguesa. Seu valor foi inclusive reconhecido por Fernando Pessoa em alguns de seus poemas. Neste artigo, discorreremos sobre o Ethos paternal que o jesuíta assume em uma de suas obras mais importantes: O Sermão da Primeira Domingo de Quaresma, objeto de nossa análise. Para isso, utilizaremos as leituras já acumuladas do livro *A arte Retórica*, de Aristóteles, e do trabalho *A Retórica Antiga*, pertencente a Roland Barthes. Além de salientar os aspectos retóricos do sermão, ainda ficará exposto, no decorrer de nosso texto, como o europeu e o povo do Maranhão concebiam a figura, função e o caráter do indígena.

Palavras-chave: Antonio Vieira; Ethos; Roland Barthes.

Roland Barthes (1975) destaca em seu *Retórica Antiga* que a ciência originalmente sintetizada por Aristóteles acompanhou muitos acontecimentos históricos com uma não dissimulada frieza e sofreu variações, de caráter interno, em seu sistema. Os fatos que se desenrolaram ao longo dos anos, mais de dois mil, têm, segundo o estudioso francês, sua parcela de responsabilidade na metamorfose da Retórica. Levando em conta tal conhecimento, faz-se necessário retomar historicamente os principais fatos que a moldaram. Fazendo isso, poderemos identificar especificamente a Retórica que chegou até o sermão de Vieira. Logicamente, trata-se de uma Clássica fortemente marcada pela presença da Antiga. Não pretendemos entender o nome da Retórica que chegou a Vieira, e sim a suas características. Muito embora, no trabalho de Roland Barthes, sua cronologia, seja primorosa, permaneceremos, como em nosso artigo, *Retórica e Antônio Vieira: novos olhares*, no que foi escrito por Manuel Alexandre Júnior a respeito da ciência (SILVA; SILVEIRA, 2014).

¹ Estudante de graduação em Letras pela Universidade Estadual de Londrina. E-mail: vinicius.letas@yahoo.com.br

² Professor Doutor da Universidade Estadual de Londrina (UEL). E-mail: celosilveira@uel.br



Alexandre Júnior (2012) ensina que o surgimento da Retórica está inegavelmente atrelado ao discurso judiciário. Em 485 a.C., dois poderosos subiram ao poder na Sicília. À custa de desterros populacionais, ofertavam a mercenários propriedades de terras. O povo, sentindo-se lesado, abriu grande número de processos judiciários a fim de ter suas terras de volta. Segundo Manuel Alexandre Júnior, seria nesse momento que a Retórica haveria nascido. Posteriormente, as pessoas haveriam percebido a importância e o poder da Retórica e a teriam transferido para o ensino.

Destaca-se, como primeiro professor de Retórica, Empédocles de Agrigento. Seria um homem de cultura elevada e que teria se recusado a ser rei de sua cidade, por ser um homem favorável à democracia.

Expressando de maneira resumida, é assim que a Retórica tem seu início. Contudo, está enganado quem crê que ela permaneceu intocada até chegar a Antônio Vieira. Importantes acréscimos foram feitos ao sistema. O principal e normalmente mencionado é aquele engendrado por Quintiliano. Sua contribuição consiste no acréscimo da Memória dentro das partes do discurso.

Devidamente destacado em nosso já mencionado artigo, a Retórica chega ao Brasil pelas mãos dos jesuítas nesse contexto de embate entre sua face Antiga e Clássica. Como apontado acima, a Retórica desembarcou em território brasileiro por intermédio dos Jesuítas. Historicamente, isso vai se mostrar de fundamental importância. Nossa educação, durante muito tempo, será pautada na leitura e interpretação de clássicos. A *Arte Retórica* e a *Arte Poética* durante muito tempo permanecerão no ensino. Elas apenas perderiam espaço, em nosso país, com a democratização deste e com o advento de ciências filhas da Retórica. Citamos como exemplo de prole da arte do persuadir a própria Análise do Discurso que, em seus postulados fundamentais, contém problemas-ecos da Retórica, questão recorrentemente trabalhada de forma superficial em estudos da linguagem e que também pretendemos tocar no futuro.

Vale a pena mencionar que a Poética perdeu espaço, logo no início da democratização do ensino, em favor de um pragmatismo deste. Em seguida, por razões claramente políticas, a Retórica também tombou.



Feita uma contextualização de como a Retórica atracou em terras brasileiras, podemos avançar para o contexto em que o sermão de Antônio Vieira foi produzido.

De acordo com a nossa versão do sermão (VERDASCA, 2011), em nota de rodapé, o grande texto vieirino foi pregado na cidade de São Luiz do Maranhão, no ano de 1653. É importante salientar a força da Companhia de Jesus e também do texto de Vieira. A produção do padre chegou quase que em sua totalidade até os dias correntes. O mesmo não aconteceu com o seu contemporâneo, o Boca do Inferno. Ter essa informação em mente leva-nos a apreciar com mais interesse os escritos de Antônio Vieira.

José Verdasca, organizador da edição do sermão que escolhemos para análise, dedica apenas alguns parágrafos para explicar como o texto surgiu. A fim de formar um estudo mais criterioso, valer-nos-emos da dissertação de Rodrigo Gomes Pinto (2009). Nela, Pinto discorre sobre os principais fatos e acontecimentos ligados aos sermões da Quaresma de Vieira. Faremos um pequeno recorte e utilizaremos o que foi dito sobre o Sermão da Primeira Domingo.

Como de costume na época, foi escrito para ser recitado em público. Ele foi responsável pelo apaziguamento de toda uma população. De acordo com a dissertação acima citada, o Rei de Portugal acabara de assinar um tratado que punha fim à escravidão indígena, e os tapuias eram escravizados no Maranhão. Tal documento atingia diretamente os bolsos dos senhores de terra. Como é possível vislumbrar, houve grande número de manifestações. Não existe, na tese e em alguns documentos por nós analisados, nenhuma menção de como tais movimentos funcionaram. Talvez uma pesquisa mais aprofundada encontre a resposta. Para conter toda a movimentação, o capitão-mor do Maranhão engendrou uma reunião com o já muito conhecido Antônio Vieira. No encontro, ficou acordado que, em um sermão, o padre jesuíta emprestaria sua palavra para tratar sobre o assunto.

Acima destacamos o contexto de produção do discurso de Antônio Vieira. Nossa intenção aqui é analisar única e exclusivamente o *Ethos* do grande orador, mas, abrindo uma pequena porta de análise para o *Pathos*, podemos ver, em cartas, que Antônio Vieira encontrou aceitação em seu público. É claro, outros pontos precisam ser vistos. Mas para uma análise patética, as cartas são, certamente, o ponto de partida.



Terminada a retomada histórica de como a Retórica chegou ao Brasil e em que contexto o sermão de Vieira foi produzido, podemos, enfim, dar seguimento às nossas análises. Não trabalhamos a vida e a obra de Vieira como um todo, por julgarmos facilmente encontradas e analisadas em diversas edições dos sermões. Trabalharemos com a constituição do *Ethos* antes de discorrer sobre a prova técnica no texto de Padre Antônio Vieira.

A *Retórica* é dividida em três livros. O primeiro introduz a ciência e seu gêneros, principalmente. O segundo trabalha com o *Ethos* e o *Pathos*. E o terceiro abordará o *Logos*. Aqui, utilizaremos o livro II. Como mencionado, em seu conteúdo, há um trabalho preciso, à moda de Aristóteles, sobre as duas provas técnicas ligadas ao orador e auditório. Ainda assim, não nos valeremos de todo o citado livro. Os capítulos um, quatro, cinco, seis e treze serão aqueles utilizados para entendermos o que é o *Ethos* e construir aquilo que pensamos ser o *ethos* paternal.

Segundo Aristóteles, “muito conta para a persuasão, sobretudo nas deliberações e, naturalmente, nos processos judiciais, a forma como o orador se apresenta e como dá a entender as suas disposições aos ouvintes” (ALEXANDRE JR., 2012, p. 83). Essa ideia é importantíssima para entender o que vem a ser *Ethos*. Não basta apenas contar com a lógica do discurso, tampouco apenas com as emoções despertadas nos ouvintes. Essas precisam ser combinadas com a impressão que o público tem do orador, melhor dizendo, a imagem que ele constrói de si. Segundo o filósofo nascido na Estagira, o *ethos* é mais importante no gênero deliberativo. Este tem a função de elogiar ou censurar alguém ou alguma coisa.

A imagem construída pelo orador pouco tem relação com suas roupas, seus gestos, suas expressões faciais, a entonação, o ritmo e a cadência de sua voz. Esses itens vão sim ser objeto de preocupação em uma análise do *ethos*, porém, como o texto trata de um texto escrito, eles não serão contemplados. O que importará para nós é o caráter que o orador mostra ao público, sendo verdadeiro ou não, e tem papel fundamental na persuasão. Pensemos em um exemplo moderno a fim de ilustrar o que foi posto por Aristóteles. Uma reunião de casais destinada a ser um encontro sobre orientações do matrimônio. O preletor será preferencialmente um indivíduo mais velho e casado. Salvo exceções, assim funciona, pois os primeiros sentirão mais confiança no orador idoso experiente, tanto por seu tempo de vida



quanto por seu tempo de vivência no assunto em questão. Trabalharemos o caráter do idoso, pelo entendimento da Retórica, mais à frente. Sobre o caráter do orador, segundo Aristóteles, três são as causas que o tornam persuasivo: a prudência, a virtude e a benevolência.

Antes de entrar um pouco mais detidamente em cada uma das causas, vale lembrar o papel da mentira neste ponto. Sabemos que a Retórica, antes de Aristóteles, não tinha compromisso algum com a verdade. Isso levou pensadores como Sócrates e Platão a tecerem críticas ora veladas, ora explícitas contra aqueles que detinham o domínio da ciência. Em Aristóteles, a visão sofística e a visão exposta por Platão, bem como a de seu mestre, fundem-se para produzir uma Retórica mais elevada. Para o estagirita, mentir não é um crime em um discurso retórico. Aparentemente, pela nossa leitura, constitui ainda outra ferramenta de trabalho.

As causas não são exatamente explicadas por Aristóteles na Retórica, mas contamos com uma nota de rodapé bem elaborada pelos coordenadores de nossa edição da *Arte Retórica*. Nela, vemos que a prudência está ligada à razão prática. A virtude acompanharia a prudência dando abrangência moral a ela. Por fim, vemos a benevolência. A causa seria o comportamento respeitoso do orador ante os ouvintes. O orador que deseja ser persuasivo precisa demonstrar que o seu discurso está ligado a algo prático, ou pelo menos útil naquele momento, que sua palavra é honrada e precisa fazer tudo isso de forma respeitosa ante seu auditório.

Além das causas que tornam o orador persuasivo e constituem seu *Ethos*, ainda temos as emoções que um orador pode apresentar. Elas, segundo Aristóteles, “alteram os seres humanos e introduzem mudanças nos seus juízos, na medida em que comportam dor e prazer” (ALEXANDRE JR., 2012, p. 85). Para este artigo, valer-nos-emos dos capítulos referentes à Amizade, ao Temor, à Vergonha e ao Caráter do idoso. Julgamos estes, no sermão, serem fundamentais para a constituições de um *Ethos* Paternal.

Antes, para sedimentar o que foi posto, analisaremos a mesma prova técnica de acordo com o entendimento de Roland Barthes, de que usaremos o trabalho *Retórica Antiga*, texto transcrito de um seminário apresentado em 1964-1965.



Sobre o *ethos*, o autor francês, para explicar o que vem a ser a prova, dedica apenas dois parágrafos. Uma vez que, de acordo com o próprio Barthes, seu objetivo era reunir informações acerca do sistema para construir uma ferramenta de estudo, o que foi posto é suficiente.

Barthes, em sua transcrição, avalia o *ethos* por um viés didático. Certamente quem deseja iniciar os estudos em Retórica deve antes de tudo ler o texto *Retórica Antiga*. O *ethos* que o pesquisador constrói de si no texto é o de um estudante eufórico. Chega a declarar que vibrou de excitação e admiração diante da força e sutileza do sistema retórico.

O autor, ainda, retoma o que Aristóteles escreveu sobre o *ethos* sem nada acrescentar. Sua visão, além de didática, como posto acima, foi redutora. Vemos, por exemplo, que ele não trata sobre a mentira. Pelo menos não à maneira sistemática de Aristóteles. As emoções, por sua vez, que constituirão um dos pilares de nosso raciocínio, não serão avaliadas por Barthes. Novamente, referimo-nos àquelas que estão escondidas atrás do *ethos* do orador e não às referentes ao *pathos*.

Primorosa avaliação de Barthes é aquela feita sobre as causas que tornam o orador persuasivo. Além de tratar e nomear as três, usa a mesma terminologia de Aristóteles, acrescentando a noção de unidade entre as causas. Se em uma leitura de Aristóteles e sua *Arte Retórica* a unidade entre as três escapa a um leitor despercebido, Barthes elimina qualquer dúvida de forma definitiva. Ou seja, de acordo com a nossa leitura do texto de Barthes, as três causas são importantíssimas juntas, não necessariamente precisam dividir o espaço no texto persuasivo igualmente. Peremptório é apresentar-se no texto, ora com o destaque de uma, ora de outra.

A *phronesis*, outrora por Aristóteles chamada da causa ligada à razão prática, é pensada por Barthes como uma sabedoria objetiva. Em Vieira, introduzindo uma análise do texto, é possível perceber a presença desse aspecto quando o português dá início à exposição de seu plano para libertar os tapuias e não falir os colonos do Maranhão. O trecho destacado encontra-se na parte IV do sermão da Primeira Domingo de Quaresma.

Já a *arete*, pensada pelo estagirita como uma virtude moral que acompanha a primeira, é vista por Barthes como uma franqueza sem temor acrescida de uma qualidade teatral. No



sermão por nós selecionado, vemos que a franqueza de Vieira é algo presente de tal forma que raras são as ocasiões nas quais o português coloca a qualidade no centro do discurso. Na parte III do sermão, Vieira produz uma pergunta eloquente: *“Qual é o melhor amigo: aquele que vos avisa do perigo ou aquele que por vos não dar pena vos deixa perecer nele?”* Na indagação, Vieira elimina quaisquer dúvidas quanto à sua franqueza e vontade de ajudar seus amigos e pessoas de alta estima. Sobre a qualidade teatral, a noção é particular a Barthes. Em Aristóteles, poucas são as referências sobre a proximidade entre o exercício teatral e a Retórica. Como Barthes não discorre sobre o assunto, assim como outros, cremos ser a qualidade teatral a invocação da participação do público ouvinte do discurso através da emoção ou inquietação do último provocada pelo orador. Na acima mencionada parte III do sermão, Vieira escreve sobre os cativeiros injustos sofridos pelos Hebreus nas mãos dos Egípcios e os males que deles provieram. Em determinado momento, pergunta: *“Sabeis quem traz pragas às terras? Cativeiros injustos. Quem trouxe ao Maranhão a praga dos holandeses? Quem trouxe a praga das bexigas? Quem trouxe a fome e a esterilidade? Estes cativeiros.”* Em uma comparação muito feliz, provavelmente feita em brados de repreensão, Vieira aproximou as ações dos colonos do Maranhão às dos Egípcios. Com isso, trouxe o seu ouvinte para dentro do discurso através de uma qualidade teatral.

Por fim, a *eunoia* pensada como uma atitude ou um comportamento respeitoso do orador ante o seu auditório, de acordo com Aristóteles, é vista por Roland Barthes como a simpatia cúmplice do produtor do discurso em relação àquele que ouve. Como exemplo no texto de Vieira para o ponto trabalhado ao longo deste parágrafo, serve o que é posto pelo português na mesma parte III no sermão quando defende seu desejo de falar sobre assuntos financeiros no púlpito. Vieira escreve:

E sabes por que quero que desenganes meu povo, e por que quero que Ihe declares seus pecados? Porque são uns homens, diz Deus, que me buscam todos os dias e fazem muitas coisas em meu serviço, e sendo que têm gravíssimos pecados e injustiças vivem tão desassustados, como se estiveram em minha graça (VIEIRA, 2011, p.38).



Logicamente, podemos ver que Antônio Vieira empresta a voz de Deus para construir o seu *ethos*. Deus ama realmente todos colonos que possuem escravos tapuias, mas, para Antônio Vieira, sobra a função de mensageiro respeitável do Todo-Poderoso.

Terminada a análise das causas que tornam os oradores persuasivos, de acordo Aristóteles e a sua releitura feita por Roland Barthes, a última já inserida em um contexto de análise do texto vieirino, podemos então passar para as emoções que constituem um *ethos* paternal. As emoções por nós escolhidas são analisadas na *Arte Retórica* e formam, de acordo com o nosso entendimento, os pilares de um *ethos* paternal. Como dito anteriormente, são as emoções: a Amizade, o Temor, a Vergonha (estes compartilhados pelo orador) e o caráter do idoso. Para a construção do *ethos* paternal, entendemos o termo *paternal* como algo que lembra o carinho e a proteção de um pai. Vieira não vai chamar os fiéis de filhos, pois sabe que Pai é só aquele que está nas alturas, mas vai assumir uma postura de proteção, muito parecida com a de um pai, em vários momentos de seu sermão.

Antes de passar à análise do *ethos* de Vieira, um brevíssimo estudo das emoções que compõem o *ethos* paternal.

Como expusemos acima, a escolha das emoções pertencentes a um *ethos* paternal tem caráter subjetivo. A primeira emoção que julgamos correta trabalhar aqui e, por isso, pertencente ao *ethos* paternal é amizade. Não será desenvolvido, neste artigo, o par oposto dessa emoção. Bem como serão deixadas de lado as emoções antagônicas das outras que constituem o *ethos* paternal.

Para definir Amizade, Aristóteles, na Retórica, parte do que é Amor, o que é ser amado e depois volta a falar sobre a emoção. Para o estagirita, o amor é querer o que julgamos bom para outra pessoa. Ser amado, neste sentido, diz respeito a inspirar o sentimento de cuidado e desejo de cuidar em alguém. Se todo o arrolado anteriormente acontecer, a amizade existe. Infelizmente, não existe aprofundamento da questão em Roland Barthes.

É possível apontar mais de uma passagem para o que é posto sobre a Amizade no Sermão da Primeira Dominga de Quaresma pertencente a Antônio Vieira. Podemos retomar o trecho em que Vieira faz uma analogia entre o comportamento do médico cristão e do Padre



que sobe ao púlpito para desenganar os ouvintes. Além da interpretação, tal leitura pode ser sugerida ainda já mencionada expressão *Qual é melhor amigo?* Vieira, além de construir um *ethos* amigo, ainda o faz marcado linguisticamente.

A segunda emoção pertencente ao *ethos* paternal é o Temor. Já o medo ou o Temor apresenta-se no texto como elemento disciplinador. Segundo Aristóteles, medo consiste em uma situação aflitiva ou numa perturbação causada pela aproximação de um mal iminente, ruinoso ou penoso. Ora, no texto de Vieira, após a construção do sentimento de aproximação através da Amizade, ele passa a reprimir o comportamento população do Maranhão. Antes, prevê o futuro do Maranhão através do emparelhamento entre a conduta dos egípcios na bíblia e a dos maranhenses. Ambos os povos tomaram escravos para si. Dois pontos merecem destaque aqui. O primeiro diz respeito à ameaça velada feita por Vieira ao Maranhão. Os leitores da bíblia saberão em que consiste essa ameaça. Morte espiritual e empobrecimento em vida. O segundo ponto, talvez o mais interessante para estudos específicos, é a imagem construída por Vieira, europeu branco, a respeito do índio. No trecho “Não cuidas que merecem isto (a libertação) os Hebreus por suas virtudes, porque eram piores que esses tapuias: daí a poucos dias adoraram o bezerro”, vemos claramente qual é a visão do europeu branco a respeito do indígena. A título de explicação para aquele que não tenha conhecimento aprofundado sobre a história, ou mesmo sobre o cristianismo, o pecado da idolatria torna o homem mal. O que podemos concluir com a passagem é que o homem branco em seu pior estado ainda consegue ser melhor do que o indígena naturalmente. O branco ainda possui a vantagem de conseguir levantar sozinho. Já o indígena tapuia, por sua vez, precisa da ajuda do branco.

Mesmo através da construção da identidade indígena, vemos um Antônio Vieira tentando cravar, nos corações de suas ovelhas, o medo. E, basicamente seguindo a imagem passada: ao adquirirem escravos indígenas, o povo torna-se próximo aos Hebreus, que, por sua vez, agiram de uma maneira mais reprovável que o próprio índio em seu estado natural. Comprando escravos, o povo torna-se pior do que a mercadoria.



Ainda sobre o medo, vale lembrar a aproximação entre o resultado das condutas de César e Alexandre Magno mencionado por Vieira e o possível fim do povo Maranhense. A ameaça do inferno mostra-se eficiente no sermão.

A próxima emoção que acreditamos ser pertencente ao *ethos* paternal é a vergonha. Uma pequena explicação precisa ser feita. O orador, em momento nenhum, sente vergonha. Suas ações, como já vimos acima através da explicação de Barthes, precisam possuir um caráter inquestionável. Pelo seu discurso, sempre pelo *logos*, o retor precisa despertar o sentimento em seu ouvinte. A vergonha, segundo a *Retórica* de Aristóteles, consiste em um certo pesar ou perturbação de espírito relativo a vícios que podem gerar perda de honra. Aproveita-se parte do que foi posto por Aristóteles para entender o sentimento de vergonha despertado por Antônio Vieira em seus ouvintes. Descarta-se a preocupação com a perda de honra e voltamos os olhos para o pesar e a perturbação no que se relaciona aos vícios. Como exemplo da aplicação do que foi posto. Podemos citar o já mencionado “*que homem haverá tão mal cristão*”. Com o trecho, Vieira incomoda o povo do Maranhão, incomoda e causa perturbação em sua fé.

A última emoção que cremos compor o *ethos* paternal é o caráter do idoso. Aristóteles é extremamente ferino ao tratar do assunto. Tanto que, substancialmente, o caráter do idoso representa-se como algo ruim. Salvamos para esta análise a noção de que o idoso caminha com cautela. Segundo o estagirita, o idoso, por ter sofrido muito, quer evitar novos pesares, e tal sentimento gera em suas condutas maior cautela. Para o que foi posto acima, não existe um trecho específico para se destacar. Contudo, é possível pensar que, se o sermão fosse proferido por alguém mais jovem, não surtiria o mesmo efeito, uma vez que a mensagem exige experiência, pois vemos que Vieira permeia o texto com apelos lógicos, éticos e de cunho religioso, que possuem mais força na voz de um idoso.

Levando em consideração tudo o que foi posto acima a respeito das emoções que constituem um *ethos* paternal e também sua presença no texto de Vieira, pode-se afirmar que o autor português se valeu da Retórica de origem Aristotélica para compor seu sermão. Além de a informação oferecer à leitura do sermão novas maneiras de entender o texto, ainda ajuda a ver, na prática, a aplicação da ciência originalmente sintetizada por Aristóteles. Quanto à



leitura de Roland Barthes sobre a Retórica, em muito ela pode ajudar a compreender a evolução da ciência. Além disso, certamente será de muito uso aos leitores iniciantes no assunto, àqueles já familiarizados com a ciência e mesmo aos próximos trabalhos.

Por fim, como é de se imaginar, sobre o texto de Vieira, seus trabalhos atravessaram os séculos. Não esperamos, neste pequeno artigo, completar as discussões que dele advêm ou ainda podem surgir.

Referências bibliográficas

ALEXANDRE JUNIOR, Manuel. Introdução. In: MESQUITA, Antonio Pedro (Coord.) **Aristóteles**. Obras completas. Retórica. Prefácio e introdução de Manuel Alexandre Junior; tradução e notas de Manuel Alexandre Junio, Paulo Farmhouse e Abel do Nascimento Pena. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012, p. 83-124.

BARTHES, Roland. A retórica antiga. In: COHEN, Jean et al. **Pesquisas de retórica**. Tradução de Leda Pinto Mafra Iruzum. Petrópolis. Vozes, 1975. p. 147-225.

PINTO, Rodrigo Gomes de Oliveira. **Entre borrões e cadáveres**: os sermões da Dominga de Quaresma de Vieira. 2009. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

SILVA, Vinicius Pimenta; SILVEIRA, Marcelo. Retórica e Antonio Vieira: novos olhares. **EID&A** – Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação, Ilhéus, n. 7, p. 234-245, dez. 2014.

VERDASCA, José (Org.). **Sermões Escolhidos**: Padre Antonio Vieira. 4. ed. São Paulo: Martin Claret, 2011.